



MARCAS DA IDENTIDADE EM CONTOS DE SULEIMAN CASSAMO E JOÃO MELO COMO POSSIBILIDADES DE TRABALHO EM SALA DE AULA

Maria Marta dos Santos Silva NÓBREGA

Universidade Federal de Campina Grande
mariamartanobrega@bol.com.br

RESUMO: O trabalho propõe analisar a caracterização da identidade nacional angolana e moçambicana, tendo como ponto de partida alguns contos produzidos constantes em *O regresso do morto*, do moçambicano Suleman Cassamo (2016) e *Os filhos da terra*, do angolano João Melo ((2008) e propor possibilidades de abordagens dos textos em turmas do Ensino Médio. A construção de uma identidade em Moçambique e em Angola representadas nos contos se estabeleceu ancorada na idealização dos elementos locais e na valorização desses elementos como forma de expressão da autonomia. O elemento europeu – particularmente o idioma – não deixou de balizar a construção desse ideário, no entanto, o retorno às tradições e o espírito militante dos escritores enriqueceram ideologicamente esse construto. A partir desses dois elementos, tradição e militância, discutiremos os contos de Suleman Cassamo e João de Melo e apresentaremos algumas possibilidades de trabalho com os textos em aulas de literatura do ensino médio. Martins (2006), ao refletir acerca do ensino de literatura defende que o professor deve valorizar e explorar o texto a partir de sua pluralidade linguística - histórica, social, política, geográfica – e em suas dimensões intertextual, transversal, transdisciplinar e intersemiótica. Valorizar o texto literário em sua pluralidade levará o aluno a compreender a literatura como um fenômeno cultural simbólico capaz de mostrar os conflitos históricos e sociais da realidade cotidiana. No caso da literatura africana de língua portuguesa a dimensão pluricultural dos dois textos em análise favorece o contato do aluno do Ensino Médio com outras visões de mundo, contribuindo para uma reflexão em torno da identidade nacional e literária presentificadas no texto e da de seu próprio país.

Palavras chaves: literatura africana, análise de conto, proposta metodológica

O século XX representou para os países africanos de língua portuguesa um período de grandes transformações econômicas e sociais. No meio cultural, a independência das ex-colônias possibilitou o desenvolvimento das literaturas nacionais, cujas origens remontam à época do colonialismo. Até o século XIX, imperava o discurso que só pelo processo de assimilação dos valores europeus, o africano teria condições de produzir literatura. De acordo com Fanon (2005), a desvalorização dos sujeitos africanos e de sua história tinha a intencionalidade de apagamento histórico e cultural. Segundo ele,

[...] o colonialismo não se contenta com impor a sua lei ao presente e ao futuro do dominado. O colonialismo não se contenta com encerrar o povo nas suas redes, com esvaziar a cabeça do colonizado de qualquer forma e de qualquer





VII ENLIJE

conteúdo. **Por uma espécie de perversão da lógica, orienta-se para o passado do povo oprimido, distorce-o, desfigura-o, e aniquila-o.** Essa empresa de desvalorização da história anterior à colonização assume hoje o seu significado dialético. (FANON, 2005: p. 244 , grifo nosso)

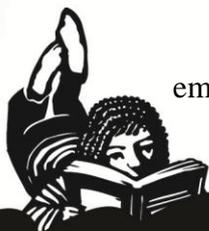
De um modo geral, as literaturas lusófonas são desenvolvidas em espaços sociais distintos, que sofreram e reagiram de forma diferenciada às opressões do colonizador. No entanto, apesar da singularidade do referencial étnico de cada nação, tem-se um fio condutor de compartilhamento cultural – a luta pela identidade. Nesse sentido, a literatura torna-se um instrumento de negação, de protesto, de reivindicação e mobiliza os escritores a imprimirem a sua história, não como uma sombra da literatura da metrópole, mas como uma maneira de reinscrever a África no contexto da cultura mundial.

O despertar de uma consciência nacionalista, revolucionária e anticolonial nos países lusófonos africanos tem uma forte influência dos movimentos Pan-africanismo e Negritude. O primeiro, enquanto movimento político e anti-imperialista surge fora da África - mas precisamente na América do Norte -, busca uma autonomia nacional, prestigiando aspectos de reivindicação dos direitos políticos do cidadão afro. O segundo tem como princípio básico, uma defesa da cultura africana pelo viés da literatura e da arte.

De acordo com Boahen (2010, p. 876), as diferentes formas de expansão do pan-africanismo - notadamente marcada por conferências, atividades culturais educativas e comerciais - possibilitaram o contato dos africanos com “o mundo negro das Américas e contribuíram para influir na evolução da África colonial”. Para fins didáticos, o autor divide o pan-africanismo em três fases: a colonial, que vai de 1935 até 1957, a da independência e movimento de libertação, de 1958 a 1969 e a integralista iniciada em 1970.

Zila Bernd (1988, p.17), ao refletir sobre o termo negritude, retoma a um de seus mentores, Aimé Césaire, que define o vocábulo “[...] como uma revolução na linguagem e na literatura que permitiria reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo.” Enquanto movimento ideológico literário, torna-se uma espécie de grito de revolta contra qualquer espécie de discriminação racial e uma bandeira de luta no combate à assimilação cultural e ao colonialismo. Pensamento semelhante é adotado por Damasceno (1988, p. 12), que vê o movimento como “uma tentativa de corrigir as distorções observadas pelos intelectuais neoafricanos entre a cultura que lhes era imposta e a sua própria realidade circundante e impedir a desagregação de sua unidade cultural”.

Para os limites deste texto, e considerando os autores que escolhemos, limitar-nos-emos a pontuar alguns aspectos do nacionalismo e da identidade nas literaturas de Angola e





VII ENLIJE

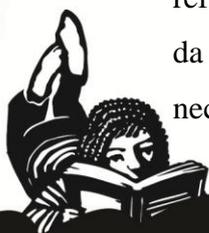
Moçambique, tendo como foco perspectivas que contemplem o engajamento do moçambicano Suleiman Cassamo e do angolano João de Melo.

Em Moçambique o peso desses dois movimentos (Pan-africanismo e Negritude) é mais evidente a partir da década de 40 do século passado, período em que os vários movimentos de independência acirrados em toda a África ganham repercussão nos países dominados por Portugal. Surgem, nesse contexto, diversas organizações políticas que buscam uma reflexão em torno da história colonial, tendo como parâmetro o “agravamento constante da segregação e da violência colonialista, que faz com que as novas gerações do pós-guerra fossem estruturando um pensamento nacionalista” (CABAÇO, 2007, p. 390). De acordo com Anderson (2008), os jornais e a literatura foram dois instrumentos fundamentais para a construção desse pensamento.

A literatura moçambicana é marcada por alguns aspectos, dentre eles destacam-se a construção de uma nacionalidade em reação ao processo de assimilação imposto pela administração colonial. No início do século XX, a criação de alguns jornais como *O Africano* (1908) e *O Brado Africano* (1918) foi significativa na divulgação de uma literatura voltada para resgatar os valores culturais comuns às diversas etnias em Moçambique. Fundado pelos irmãos José e João Albasini, o jornal *O Africano*, segundo Andrade (1997:108, cf. CAMPOS, 2015) tinha como função colocar-se “[...] numa posição de combate, enquanto unificador dos interesses dos diversos segmentos sociais opostos ao poder”. Já *O Brado Africano*, segundo Santilli (1985, p. 28) foi o principal veículo “onde começam as manifestações nacionalistas, suporte da resistência cultural e dos ideais de independência política que se expandiram progressivamente até a luta de libertação nacional”. Uma galeria de escritores, chefiada por Noêmia de Souza, José Craveirinha e Rui de Noronha, deu início a uma literatura nacional, adotando, forçadamente, conforme Lopes, a língua portuguesa como meio de expressão:

Não existe língua de maioria em nosso País. Escolher uma das línguas moçambicanas como língua nacional seria uma opção arbitrária que poderia ter sérias consequências... Fomos por isso forçados a utilizar o Português como a nossa língua de ensino e para comunicação entre nós. (LOPES, 2006, p. 36-37)

Após a independência política, em 1975, uma temporada de desestabilização se instaura em Moçambique, que dura até 1992. Finalizado esse período, surgem textos que refletem as condições políticas, sociais e culturais moçambicanas em decorrência dos traumas da guerra civil e as dificuldades enfrentadas pela população moçambicana. Não há mais a necessidade de se discutir o enfrentamento entre o colonizador e colonizado, muito menos de





VII ENLIJE

apontar o colonialismo como a causa dos problemas que dilaceram a sociedade. Trata-se de uma produção voltada para a própria nação, na busca de mostrar as contradições da sociedade em conciliar o cotidiano moderno do meio urbano e preservar as tradições específicas do meio rural. Nessa época, é lançada a *Revista Charrua* (1984), periódico significativo para demarcar o desenvolvimento da literatura em Moçambique. As edições chamavam a atenção pela qualidade estética dos textos e pela variedade temática com que os escritores tratavam as questões ligadas à terra. Nomes como os de Eduardo White, Ungulani Ba Ka Khosa, Mia Couto, Suleiman Cassamo, Marcelo Panguana, dentre outros, destacaram-se nesse contexto.

Em Angola, a literatura sofreu influências estéticas de várias correntes. Madruga (1998 p. 20) cita que o marxismo, o neorrealismo português e o modernismo brasileiro são as principais fontes externas de inspiração dos escritores angolanos para “a construção de uma literatura marcadamente nacional”. A luta pela liberdade de expressão também pode ser manifesta através do ativismo político dos escritores. Na década de 30, por exemplo, o movimento Negritude, liderado pelos estudantes negros Aimé Césaire, Leon Damas e Leopold Senghor reivindicavam a inserção do negro na construção dos ideais da sociedade, tal como os brancos. Em 1949, Antônio Jacinto, Viriato da Cruz e Agostinho Neto - ao fundaram as bases do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), que tinha como lema “Vamos Descobrir Angola” - abriram espaço para discussão da questão nacionalista, ao tempo em que buscavam valorizar a retomada de expressões da cultura angolana, a exemplo das lendas, provérbios e advinhas. O MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), também contou com a participação de muitos escritores.

Na década de 80 surge, segundo Laranjeira a “novíssima geração” formada por escritores “que, pela primeira vez, após a independência, publicaram em livro textos literários” (LARANJEIRA, *Op. Cit.*, p.169). De acordo com o autor, tais autores participaram ativamente dos movimentos Brigada Jovem de Literatura (fundado em 1981), com ênfase no discurso militante e da Revista Archote (1986) que combatia o monopolitismo da cultura. Politicamente, não se pode esquecer que a sociedade angolana, à época, estava sendo devastada pela guerra civil (de 1975 a 2002), resultante da luta pelo poder entre dois grupos rivais: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). As ações de enfrentamento esboçadas e desenvolvidas no escopo desses movimentos corroboram para delinear um perfil literário em que os escritores, sem abandonar a perspectiva do realismo social, também buscam representar algumas consequências dos conflitos bélicos. João de Melo é um dos escritores que adotam esse procedimento.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





Considerando esse brevíssimo panorama, percebe-se que uma das concepções de nacionalismo literário, com vistas a construção de uma identidade em Moçambique e em Angola se estabeleceu ancorada na idealização dos elementos locais e na valorização desses elementos como forma de expressão da autonomia. O elemento europeu – particularmente o idioma – não deixou de balizar a construção desse ideário, no entanto, o retorno às tradições e o espírito militante dos escritores enriqueceram ideologicamente esse construto. São esses dois elementos: tradição e militância que discutiremos nos contos de Suleiman Cassamo e João Melo.

Entre unir e separar, o tom militante de Cassamo e Melo em “Casamento de um casado” e “Abel e Caim”.

O texto “Casamento de um casado” integra a obra *O Regresso do Morto*, do escritor moçambicano Suleiman Cassamo. O livro – composto por uma coletânea de 10 contos-, foi publicado em 1989 pela Associação de Escritores Moçambicanos. Na apresentação do volume¹, Chaves considera que a obra é composta por “[...] um instigante painel das diversas realidades abrigadas num conjunto espaciotemporal que se desenha para além das fronteiras que teoricamente dividiram o colonial e o tempo da independência” (In: CASSAMO, 20016, p 13²). Esse compromisso do autor é constante em toda a obra, tanto a nível da textualidade quanto de seus elementos paratextuais.

O título do livro desafia o leitor no sentido de compreender simbolicamente o retorno de alguém do mundo dos mortos. Nesta busca, o viés interpretativo deve considerar o momento do dilaceramento da sociedade moçambicana, provocado pela guerra civil, que mobiliza a população a reconstruir a nação. Neste sentido, muitos patrícios que foram obrigados a se deslocarem do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida, e tidos outrora como mortos, regressam para a sua comunidade. Outra possibilidade seria o retorno às tradições e ao aproveitamento de línguas nativas, conforme se pode depreender da dedicatória,

Às
Mulheres da minha terra natal
Que anunciaram à Lua os homens

¹ A edição a que estamos nos referindo é de 2016, publicada, no Brasil, pela Editora Kapulana.

² A partir desse ponto, utilizaremos apenas a indicação do número da página quando transcrevermos passagens da obra. Procedimento semelhante será adotado na discussão do texto de João Melo.





VII ENLIJE

Com suas inimitáveis *minkulunguana*³:
hu lu, hu lu! hu lu, hu lu!

A epígrafe do livro reforça, também, esse apego à tradição: “Que da leitura destes contos vos fique um leve, levíssimo sabor a terra. O sabor da nossa terra” (p.19).

O conto “Casamento de um casado”, a partir do título, parece remeter a uma situação bastante recorrente na sociedade moçambicana – a poligamia. No entanto, a perspectiva da união abordada no texto é outra – engajamento social. O enredo gira em torno do dilema vivido por Lucas Macie que se vê dividido entre seguir seus ideais revolucionários na luta contra a exploração trabalhista na Fábrica, da qual é operário, e ceder ao pedido de seus pais em casar-se, tendo em vista à procriação, para dar continuidade à herança genética.

Narrado em 3ª pessoa, o narrador traz para os limites da escrita elementos próprios dos textos contados, tais como a adequação dos termos linguísticos para situar as personagens ao cenário e ao clima da narrativa. A incerteza da temporalidade inicial em que se passa a narrativa - “Certa vez, a família Macie reuniu” (p. 79) - já antevê formas literárias da oralidade.

A voz narrativa assume o discurso ditado sob uma perspectiva da sociedade patriarcal na exposição das personagens. O velho Macie veste uma “capulana a subir até aos joelhos juntos” (p. 79), sugerindo que o encontro de negociação entre pais e filho prestes a acontecer será liderado pelo representante legítimo daquela família. A condição de subalternidade imposta à mulher na sociedade moçambicana revela-se na figura da Velha Nguaname que mantém um “ar submisso, olhos no chão” (CASSAMO, p. 79). Ao expor a situação, o narrador denuncia a tradição local, que insiste em silenciar as mulheres, para manter a ordem do patriarcalismo. Durante a reunião e ao longo da narrativa, as únicas personagens com direito a voz são o pai e o filho. Enquanto o primeiro age como representante da tradição, o segundo, a princípio, comporta-se de modo antagônico. Nesse jogo de representações, cabe ao pai tratar de um assunto tão delicado – casamento – para com o filho, por ambos serem adultos e do sexo masculino. As reações da mãe parecem costumeiras e, geralmente, esboçam-se em sombra, riscando o chão e no lacrimejar saudoso do outro filho – Jonasse - que fora levado cativo para São Tomé. No entanto, a fala de insatisfação frente à repressão social do filho que há muito impera em Moçambique - “Vocês nasceram num tempo, eu noutra. Mas do vosso ao meu, nada mudou” (p. 80) - causa um espanto na mãe, de quem a

³ *Minkulunguana*, conforme define o Glossário ao final da obra, é um “som produzido com um sopro na concha da mão, tapando e destapando repetidamente a boca, em saudação de um acontecimento que constitui motivo de alegria para a família ou comunidade” (CASSAMO, 2016, P. 88)





VII ENLIJE

intrusão do narrador consegue captar o pensamento: “onde ele tinha aprendido aquelas falas?” (p. 80). Neste aspecto, a conduta da mãe que até então parece não ter percebido o interesse militante do filho aproxima-se da percepção do pai, já manifesta em momentos passados: “Sigo atentamente a tua vida. Deixa-me interrogado. Essas reuniões, alta noite, com gente estranha...” (p. 79).

Após essas constatações, pelo veio da ficção, a realidade mostra-se transparente ao leitor por focar a relação do opressor e do oprimido. O narrador tem a dupla função de apresentar os fatos e as consequências dessa relação. A relutância do filho em casar-se tem como motivo a não garantia de uma harmonia familiar, já que muitos moçambicanos eram obrigados a deixarem suas famílias, ora em busca de trabalho ora por recrutamento forçado em frentes guerrilheiras. Lucas é categórico em afirmar: “seria bom ter um lar. Mas é o mesmo que semear no capim. Os meus filhos não seriam meus. Arrancá-los-iam do mesmo modo que se arrancam os filhos à papaieira”. (p. 80). Convicto de sua reflexão, a personagem revela aos pais seu ativismo na luta dos trabalhadores da Fábrica. Nesse ponto, ao inserir a Fábrica como espaço representativo de força e trabalho, o narrador incorpora o elemento urbano, símbolo da modernidade, em sua narrativa. Tematizar sobre esse elemento é uma maneira de refletir acerca das consequências da colonização e dos efeitos da independência: “O açúcar que produzimos é amargo. Há tanto sofrimento em cada cristal. Pai, viverei para essa luta.” (p. 80).

Após uma ampla discussão em que pai e filho expõem os seus argumentos, o jovem se deixa vencer, a partir do último argumento do velho, que reconhecer em Lucas o sangue guerreiro de seus antepassados. O pai aparenta estar convicto dos ideais do rapaz e a eles não se opõe, suplica, no entanto, que este lhe deixe um neto para os seus “velhinhos” (p. 81). Os dias se passam, Lucas engravida Maria e casa-se com ela. No dia do casamento o protagonista é preso; aconselha Maria a cuidar do filho e justifica serenamente que seu primeiro casamento consiste em “lutar pela libertação da terra” (p. 81), buscando elevá-la à categoria de Nação livre. A partir da fala da personagem, pode-se depreender o tom militante que assume a narrativa de Cassamo, posto que ao lado da tradição, deve-se ressaltar a modernidade, como um entrelaçamento de vivências em que os agentes sociais interagem no sentido de solucionar os conflitos. No contexto do conto, o duplo casamento de Lucas manifesta essa busca e contribui para se compreender a concepção de identidade na formação da sociedade moçambicana. Ciampa (2000, p. 127) define a identidade como um “processar contínuo de definição de si mesmo, das representações desde e definição de si mesmo, das representações deste e de seu ‘estar’ no mundo”. Para ele, cada indivíduo, particularmente,





VII ENLIJE

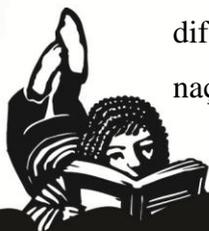
[...] encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. [...] no seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma, por ela. A questão da identidade, assim, deve ser vista não como uma questão apenas científica, nem meramente acadêmica; é, sobretudo, uma questão política (CIAMPA, *Op. Cit.*, Idem).

Em *Filhos da Pátria*, João Melo alia o passado e o presente do pós-independência, focalizando questões históricas, énicas, raciais, políticas, multiculturais e identitárias. No conto “Abel e Caim”, a narrativa é construída a partir de uma retomada à memória literária de Angola, sobretudo no que diz respeito ao período da colonização, pós-independência e guerra civil. O enredo do conto situa-se no ano de 1995 e trata da amizade entre Miguel Ximutu e Adalberto Chicolumuambo. Por questões partidárias na defesa pela libertação de Angola, os amigos se separam - Miguel passa a integrar a UNITA e Adalberto milita junto ao MPLA.

O texto é uma paródia de uma narrativa bíblica registrada no livro de Gênesis que tem como protagonistas dois filhos de Adão – Caim e Abel. O primeiro, movido pelo sentimento de inveja, assassina o irmão e recebe o desterro como punição divina. Da leitura do título do conto, cria-se uma expectativa de que o homicídio entre pessoas próximas será a temática predominante. Perspectiva que se desfaz já no início do texto momento em que o narrador se exime de proferir um discurso maniqueísta, comumente utilizado, quando entram em cena esses dois personagens bíblicos:

Isso implicará, é certo, alguns exercícios inusitados, tais como, aqui ou ali, inverter ou pelo menos confundir os papéis de um e outro, mas a verdade é que, por um lado, eu conheço alguns Abéis que não são santos nenhuns, e por outro lado, até o Caim mais carrula tem, por vezes, rasgos de bom comportamento moral e cívico de que até Deus duvida. (MELO, p. 158)

Para construir sua narrativa, João Melo toma como fio condutor três elementos da narrativa sagrada: uma descendência marcada pela diversidade – Adão e Eva foram formados de elementos distintos (terra X osso), o parentesco entre Caim e Abel e a cumplicidade em oferecer sacrifícios ao Senhor - e a posterior rivalidade entre os irmãos, notadamente operante no filho mais velho. Ao apresentar as personagens – ambos com a mesma idade – 47 anos - o narrador do conto é enfático em detalhar a linhagem genética de cada um, sugerindo que as diferenças não são obstáculos para se buscar a unidade, de modo que para se construir uma nação, a multiculturalidade parece ser indispensável. Miguel nasceu em Kuíto e é descendente





VII ENLIJE

das etnias Kimbundu com ovimbundu. Adalberto nasceu em Namibe e tem pai e mãe ovimbundus, “originários do Huambo”.

Aos 22 anos, no final dos estudos seculares básicos, os personagens se conhecem e vivenciam momentos de estreitas relações. Da amizade entre eles infere-se o desejo da população angolana em estabelecer uma unidade nacional, mesmo coexistindo etnias variadas. Quando estudantes partilham um ideal comum – o curso de agronomia, traçam projetos de vidas e “tinham sonhos cujos protagonistas principais eram sempre eles, com ou sem figurantes [...] incluindo ou não, como no caso, o futuro do país” (p. 162).

A sociedade, de acordo com Hall (2006, p. 62) não é um todo organizado e neste sentido, “está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada para forças fora de si mesma”. Esse movimento desarticula a compreensão do que seja a identidade no passado dando origem a outras articulações. Nos limites do texto, o ponto de deslocamento é o dia “25 de abril” (p. 162) - possivelmente uma referência à Revolução dos Cravos, no ano 1974⁴ -, evento que contribuiu para o rompimento da amizade entre Miguel e Adalberto. Os jovens que no passado namoram a mesma moça, juntam-se ao exército de movimentos de guerrilha oponentes (UNITA e MPLA), não se comunicam, evitam frequentar os mesmos lugares e passam “a trocar insultos e até ameaças de morte por meio de solícitos e agoirentos intermediários” (p. 164).

A gratuidade da morte e a violência da intolerância que marcaram os conflitos angolanos contra eles mesmos é materializada no texto por um narrador que encaminha a trama, concedendo ao leitor informações sobre a guerra civil que

continuou, muito mais violenta e destruidora do que no passado, pois, pela primeira vez, atingiu pesadamente cidades inteiras. Ao mesmo tempo, foram assinados dois acordos de paz e diversos cessar-fogos, foram formalmente instaladas as instituições democráticas exportadoras para todo o planeta pelos povos vencedores, tal como, cinco séculos atrás, os marinheiros europeus levaram espelhos, missangas e outras quinquilharias para seduzir os índios de todas as cores, e para o desespero de alguns saudosistas das teorias conspiratórias, o FMI e o Banco Mundial fizeram a sua entrada em cena. (p. 165).

Informações que podem ser comprovadas nos “relatórios de qualquer uma dessas organizações europeias ou americanas” (p. 165)

⁴ Com o término da ditadura salazarista em decorrência da Revolução dos Cravos, em Portugal, abriram-se perspectivas históricas para a independência angolana realizada no ano de 1975.





Os detalhes do narrador ao tentar justificar as razões dos desencontros entre Miguel e Adalberto abarcam acontecimentos históricos da década de 90, do século passado e o descontentamento dos militantes das frentes de libertação na chegada do milênio atual. Um elemento paratextual que merece destaque é o ano de publicação da 1ª edição de *Filhos da Pátria* em Angola, 2001. No ano seguinte termina a guerra civil - prenúncio de que a paz comunitária seria reconstituída. O narrador, ainda que ajuíze como longo o período de rivalidade entre os amigos – 25 anos -, pondera que o reencontro das personagens “acabou por ocorrer um dia qualquer, já na virada do século, mas peço encarecidamente que isso seja considerado um mero acaso, sem qualquer significado simbólico especial (p. 166). Entretanto, deixa antever que o reencontro entre Ximutu e Chicolomuenho faz alusão ao desejo da população na unificação nacional e construção de uma nova Angola a partir de sua historicidade:

para surpresa coletiva dos presentes, encaminharam-se um para o outro como se impulsionados de repente por uma poderosa mola, abraçaram-se energeticamente, sacudiram os braços um do outro, voltaram a abraçar-se, bateram-se mútua e efusivamente nas costas, sem cessarem de se nomear, como se a enfática invocação do nome do outro tivesse o condão de apagar tudo o que tinha ocorrido entre eles no último quarto do século. (p. 167)

E por não ter certeza de que os conflitos estão terminando, a voz narrativa convoca o leitor a construir um final da “estória (ou história?) de Abel e Caim (ou Caim e Abel, como decidirem)” p. 167)

Dos pontos aqui levantados, percebe-se que a representação do nacionalismo e da identidade literárias em Moçambique e Angola fundamenta-se na problemática das questões históricas em torno da tradição e da modernidade e da pluralidade étnico-cultural que se configuram em procedimentos estéticos adotados pelos escritores para sugerir aos leitores um ideal de Nação. A esse respeito, Chaves (2005, p. 54) percebe a literatura como “instrumento de afirmação da nacionalidade, a literatura será também um meio de conhecer o país, de mergulhar num mundo de histórias não contadas, ou mal contadas, inclusive pela chamada literatura colonial”.

Possibilidades de trabalho com os contos no Ensino Médio

Martins (2006), ao refletir acerca do ensino de literatura defende que o professor deve valorizar e explorar o texto a partir de sua pluralidade linguística - histórica,





VII ENLIJE

geográfica – e em suas dimensões intertextual, transversal, transdisciplinar e intersemiótica. Valorizar o texto literário em sua pluralidade levará o aluno a compreender a literatura como um fenômeno cultural simbólico capaz de mostrar os conflitos históricos e sociais da realidade cotidiana. No caso da literatura africana de língua portuguesa a dimensão pluricultural dos dois textos em análise favorece o contato do aluno do Ensino Médio com outras visões de mundo, contribuindo para uma reflexão em torno da identidade nacional e literária presentificadas no texto e da de seu próprio país.

De um modo geral, o trabalho com textos narrativos em sala de aula busca dar ênfase a elementos estruturais, tais como: a linearidade da história, a caracterização da personagem, o ponto de vista narrativo e a funcionalidade do tempo e do espaço. Para entendimento do gênero a que o texto pertence, essa escolha metodológica é interessante, no entanto, parece inadequada para uma possível interação entre o leitor e o texto, bem como do auto e mútuo reconhecimento dos sujeitos envolvidos no processo de leitura.

Pontualmente, pensando na abordagem do conto “Casamento de um casado”, sob uma perspectiva intercultural, a sugestão considera os seguintes aspectos:

1. Leitura do conto a partir de seus aspectos discursivos mais significativos, tais como marcas do discurso da oralidade; intrusão do narrador; caracterização das personagens demarcando a condição social de cada um e temática predominante. Estes elementos são estratégias textuais importantes para mostrar a construção do ideal de nacionalidade moçambicana;
2. Interpretar o contexto cultural no qual o texto está inserido, buscando compreender elementos da tradição moçambicana e a luta do povo – encarnada – na personagem protagonista pela liberdade do País;
3. Discutir como a condição de silenciamento e invisibilidade social da mulher, focalizada no conto na figura da Velha Nguaname , é importante para o leitor conhecer aspectos da organização social, política e cultural da sociedade moçambicana.
4. Discorrer que para o moçambicano, o colonizador também é um estranho que, ao impor a assimilação cultural, não conseguiu anular práticas culturais, a exemplo do poder patriarcal.
5. Buscar compreender aspectos da modernidade moçambicana na construção do ideal de Nação e compará-los com os do Brasil.





VII ENLIJE

Já para o conto “Caim e Abel”, deve-se estabelecer um diálogo intertextual e intercultural, tendo como parâmetro as ações a seguir:

1. Leitura do conto buscando estabelecer possíveis semelhanças e diferenças entre a escrita angolana e a narrativa bíblica, constante no livro de Gênesis.
2. Discutir como a temática da amizade entre os personagens protagonistas contribui para compreender a história social de Angola, marcada pelos conflitos internos do período pós –independência;
3. Refletir acerca das interferências do narrador como um recurso metanarrativo que permite ao leitor inferir o desenvolvimento da ficção angolana;
4. Confrontar os dois contos, no sentido de compreender a importância da língua portuguesa não só como veículo de comunicação, mas, sobretudo, como um instrumento de estabelecimento de diálogos interculturais. Para ampliar essa discussão pode-se exibir o documentário *Língua – Vidas em Português – Lusofonia*, dirigido por Victor Lopes.
5. Como perspectiva comparativa de interartes, pode-se buscar comparar o discurso multicultural presentificado no conto com pinturas angolanas e/ou africanas que apresentem temática semelhante, a exemplo dos trabalhos de António Ole, que incorpora um projeto interdisciplinar focado, principalmente, nas imagens da guerra. Algumas reproduções da expressividade deste e outros artistas podem ser encontradas em David (2013).

REFERÊNCIAS:

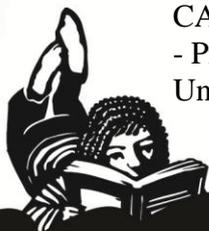
ANDRADE, Costa. *Literatura angolana* (opiniões). Prefácio de Henrique Abranches. Lisboa: Edições 70, 1980

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BOAHEN, Albert Adu. *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935* /– 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

CABAÇO, José Luis. *Moçambique: identidades, colonialismo e libertação*. Tese (Doutorado - Programa de Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

CAMPOS, Josilene Silva. *Anticolonialismo, Literatura e Imprensa em Moçambique*. In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439765325_ARQUIVO_TextocompletoANPUH.pdf. Acesso em 17 de outubro de 2016.

CASSAMO, Suleiman. *O regresso do morto: contos*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina – um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005

DAMASCENO, B. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes, 1988

DAVID, Elsa Maria Tavares de Sousa Soares. *Artes plásticas angolanas dos últimos 10 anos- duas Gerações de Artistas e Um Contexto de Paz*. Tese de Doutorado, 2013. Disponível em biblioteca: biblioteca.fba.up.pt/docs/Elsa_David/ElsaDavid_tese.pdf, acesso em 19 de outubro de 2016.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra* (E. A. Rocha & L. Magalhães, Trans.). Juiz de Fora: Editora UFJF, (2005).

FERREIRA, , Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

HALL. Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11^a ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MADRUGA, Elisalva. *Nas trilhas da descoberta: (repercussão do Modernismo brasileiro na literatura angolana)*. João Pessoa, PB: Ed. Universitária/UFPB, 1998.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?. In BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 83-102.

MELO, João. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTILLI, Maria A. *Estórias Africanas: história e Antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.). *Antologia do mar na poesia africana do século XX: volume III: Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

